Ano X — Lisboa, Maio de 1954 — N.º 109

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

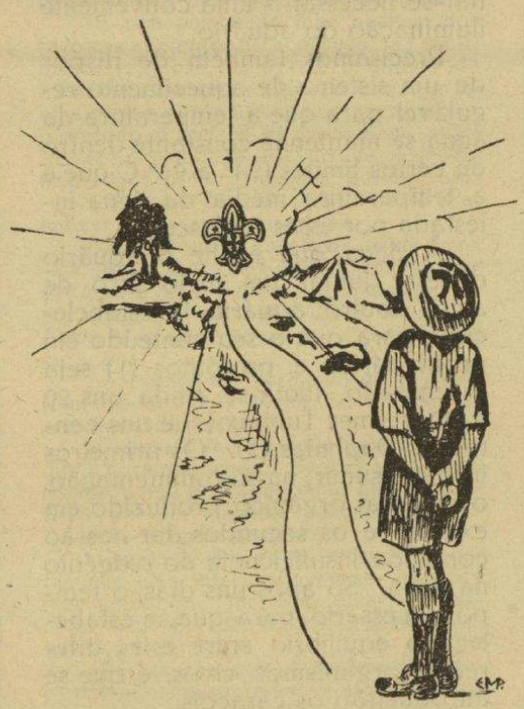
COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

ORIENTAÇÃO



A ORIENTAÇÃO é para o Escoteiro um assunto de interesse fundamental. Só conhecendo os seus métodos e regras ele será capaz de viver a aventura alegre do Escotismo na planície e na montanha, correr serras e campinas, marchando com confiança para o alvo da sua jornada. A fim de adquirir esta capacidade, o Escoteiro exercita-se intensamente, maneja a bússola, identifica os astros, aprimora o espírito de observação até ao ponto de poder orientar-se por indícios da natureza, particularidades das plantas e dos animais.

Esta técnica caracteriza o escoteiro, permite-lhe fazer o «grande jogo» sem equívocos nem hesitações, de modo tal que o rapaz adquire hábitos que passam a fazer parte da sua própria maneira de ser e acaba por descobrir que só o homem orientado alcança os seus objectivos.



Não é insignificante esta descoberta. Assim o reconheceu o Fundador, que procurou impressionar o espírito do rapaz indicando para insígnia do Movimento a flor de lis, que nos mapas e nas bússolas aponta o Norte, e que ele nos diz ter escolhido «porque aponta a direcção para o alto, indica o caminho a seguir para ser útil aos semelhantes». O grande objectivo do Escotismo será, pois, levar o rapaz a transferir para a sua vida espiritual e social os mesmos hábitos de orientação que adquiriu na vida de campo. Reconheçamos que a maior glória do Escotismo é ter conseguido dar orientação na vida a tantos rapazes que lograram alcançar o êxito graças ao treino adquirido nas nossas fileiras.

É esta a honrosa credencial que o Escotismo pode apresentar e o acredita como Movimento eficientemente educativo. Os grupos de escoteiros estarão correspondendo à missão que deles se deve esperar sòmente na medida em que ajudarem a mocidade a encontrar a sua própria orientação na vida e o caminho seguro para a felicidade pessoal, através do espírito de serviço, formando caracteres compenetrados de que a missão mais gloriosa do homem é constituir elemento útil e construtivo no agregado social.

Foi neste anseio que B.-P. fundou o Escotismo. Contristado por ver a mocidade da sua pátria num estado de letargia moral, levando uma existência inútil e despreocupada, presa de todos os vícios, sem energia física nem espiritual, situação que punha em perigo o próprio futuro da Inglaterra, imaginou um Movimento que pudesse constituir uma salutar reacção, despertasse o entusiasmo dos novos e os orientasse para um ideal elevado, habilitando-os «a viver de maneira sã num mundo insensato». Hoje a situação não é, infelizmente, mais animadora do que então. Duas guerras, destruidoras das mais lídimas energias morais, muito contribuiram para isso. A mocidade busca só aquilo que é frívolo e material e, convencida da instabilidade da vida, corre apenas a satisfazer apetites e a saciar ambições, desinteressada dos grandes problemas humanos, seguindo o terrível exemplo da geração que lhe precedeu. Tal caminho não conduz, não pode conduzir à felicidade. Por isso os novos se sentem confusos e desesperados. Perplexos, desorientados, ficam à mercê de miragens que enganosamente acenem à satisfação dos seus anseios de paz, bem-estar e progresso social.

O Escotismo, servindo-se dos admiráveis elementos que B.-P. sugeriu, deve agir para desenvolver as surpreendentes aptidões e dons latentes na gente nova, robustecendo energias, fortalecendo personalidades, formando caracteres viris. Será despertando no espírito do rapaz a certeza de que «se pode confiar na honra do Escoteiro» e que a sua grande tarefa é «deixar este mundo melhor do que o encontrou» que o Escotismo estará construindo um mundo mais são.

Formado nesta Escola, o Escoteiro possuirá todos os elementos essenciais a uma orientação eficiente: Terá a consciência da posição que ocupa, conhecerá o alvo do seu destino. Verá no Amor, na Beleza, no Trabalho e na Fé, os pontos cardiais da Vida. Saberá encontrar o sentido do Caminho pela pista daqueles que têm feito o mesmo trilho e têm sido glórias na

(Conclui na 7.ª página).

Leia na 4.ª página:
Cinema, Desporto e Educação
Por VELHO LOBO NEGRO DO NORTE

A VIDA NA NATUREZA

I

CADEIAS ALIMENTARES

Pela Dr.ª LÍDIA DE MEDEIROS

A partir de hoje é minha tenção vir aqui conversar convosco, regularmente, para tentar descrever-vos e interessar-vos por alguns aspectos da vida na Natureza.

Já repararam, certamente, como tudo na Natureza está bem organizado, quanto é maravilhosa a mecânica que preside ao desenvolver da vida de todos os seres que habitam o nosso vasto mundo. Plantas e animais, das mais variadas espécies, dependem-se tão intimamente e de tal forma, que quase se tornam inseparáveis. A contribuição que umas e outros se devem é recíproca, pois se é certo que os animais se alimentam de plantas, quer directa quer indirectamente (é exemplo o caso dos animais herbívoros e carnívoros), não é menos certo que as plantas vão buscar a sua alimentação a materiais orgânicos em decomposição, os quais lhe são fornecidos em parte por cadáveres de outras plantas, mas sendo a maior contribuição devida a detritos animais.

Assim, todos os seres vivos, quer animais, quer plantas, formam, na Natureza, cadeias alimentares por vezes de grande complexidade que seria fastidioso descrever. No entanto, para que façam ideia do que é uma cadeia alimentar, dou-vos para exemplo, evidentemente num sector restrito mas concludente, o caso dos aquários biològicamente equilibrados, hoje muito em voga em laboratórios de investigação científica e onde se pretende manter em cultura certos exemplares, quer de peixes, quer de moluscos, retirados do seu meio natural. O que se pretende, portanto, é criar-lhes, artificialmente, um meio de vida em condições tanto quanto possível semelhantes às de que esses exemplares beneficiam na Natureza.

Como se consegue isto?

Suponham que pretendemos manter em cultura, nesses tais aquários equilibrados, uma espécie de caracóis de água doce muito comuns na nossa província do Algarve e de grande interesse em medicina, visto poderem albergar em si determinada espécie de pequenos vermes, os quais por sua vez provocam no homem uma grave doença quando frequentemente entram em contacto com colecções de água infestadas por esses moluscos.

O nosso primeiro cuidado deverá ser estudar tanto quanto possível completamente os seus costumes e preferências e as características do meio que lhes serve de «habitat», para os reproduzirmos no laboratório.

Só agora deverá ser estabelecido um desses aquários equilibrados. Temos para isso que dispor de uma caixa paralelipipédica rectangular formada por cantoneiras que poderão ser feitas de metal cromado e por paredes de vidro. O fundo cobre-se com uma camada de areia e lodo aí com uns dois dedos de espessura onde se dispõem umas duas ou três estacazinhas de plantas de água doce de porte diminuto, próprias, portanto, para aquários (por exemplo Myriophyllum, que não é desejada pelos caracóis como alimento). A função desempenhada pelas plantas é a de desintoxição da água pelo consumo do anidrido carbónico resultante das diferentes combustões celulares efectuadas no seu interior, com libertação de oxigénio. Este será, agora, utilizado pelos diferentes seres que iremos introduzir no aquário e inclusivamente pelas próprias plantas para a sua função respiratória.

A esta operação chama-se fotossíntese, a qual só se pode efectuar em presença de luz, donde o tornar-se necessário uma conveniente iluminação do aquário.

Precisamos também de dispor de um sistema de aquecimento regulável para que a temperatura da água se mantenha constante dentro de certos limites (24° a 26° C que é a temperatura média da água infestada por esses moluscos).

À água que enche o aquário deve-se juntar um meio litro de água doutro aquário já estabelecido, para que o seu conteúdo em protozoários e protófitos (1) seja assegurado. Junta-se, ainda, uns 20 a 30 vermes Tubifex (2) e uns centos de Daphnias (3). Os primeiros irão consumir, na sua alimentação, o material orgânico produzido em excesso e os segundos dar-nos-ão conta da insuficiência do oxigénio na água. Só após uns dias, o tempo necessário para que se estabeleça o equilíbrio entre estes diferentes organismos vivos, é que se introduzirão os caracóis.

Depois veremos em que consiste e como funciona a cadeia alimentar formada por estes diferentes indivíduos que introduzimos no aquário.

(1) Protozoários e protófitos são pequenos seres unicelulares e microscópicos, respectivamente animais e vegetais.

(2) Tubifex são pequenos vermes duns 2 cms. de comprimento, filamentosos, que habitam águas paradas e lodosas formando com o lodo e uma substância que segregam, pequenos tubos onde se escondem e que lhes servem de protecção.

(3) Daphnias são pequenos crustáceos de poucos milímetros de comprimento.

O II Aniversário

do Grupo n.º 10 de Lisboa

Conforme anunciámos, este grupo comemorou o seu II aniversário no dia 23 de Abril, promovendo um serviço religioso de acção de graças, que se efectuou na Igreja Evangélica Presbiteriana, da Rua de S. Bento, a que presidiu o Rev. Dr. Manuel Conceição Jr., presidente do Grupo, que fez uma sentida alocução aos escoteiros e às Guias do Grupo «Rainha D. Leonor», a propósito do dia de S. Jorge.

Depois deste culto, os escoteiros reuniram-se na sede onde tiveram uma pequena festa com poesias e brincadeiras em confraternização com muitos amigos do grupo.

O Caminheiro João de Sousa fez uma interessante palestra dedicada aos escoteiros.

No domingo seguinte, às 16 horas, no mesmo local realizou-se uma sessão solene a que presidiu igualmente o Rev. Dr. Conceição Jr., secretariado pela sra. D. Júlia Ribeiro, chefe do grupo de guias citado, e pelos srs. Fernando de Carvalho, chefe do grupo 79; Capitolino Ferreira Macedo, chefe do grupo 94, e pelo director do «Sempre Pronto». Entre a numerosa assistência viam-se os srs. Ferreira da Silva, Justino Silva, Mário Gonçalves, chefes dos grupos 1, 8 (em organização) e 13, bem como outros dirigentes e escoteiros dos grupos 1, 53, 79, 94 e guias do grupo «Rainha D. Leonor».

O vasto programa foi recebido com agrado, tendo a sr.ª D. Susana de Brito entoado um solo e a assistência o Hino do grupo «Grito de Guerra». Prestaram Compromisso de Honra mais seis novos escoteiros e foi organizada a nova Patrulha «Águia». O grupo 10 tem agora em actividade uma Tribo com três patrulhas, uma patrulha de Exploradores e uma equipa de Caminheiros.

O nosso redactor principal fez uma conferência acerca de S. Jorge, que foi escutada com muito agrado e o presidente do grupo referiu-se à acção da unidade, afirmando a alegria da Igreja pela obra educativa do escotismo no seu seio, louvando os altos objectivos do Escotismo e afirmando a sua simpatia por todos os Escoteiros.

Apresentaram saudações os Chefes dos grupos 79 e 94.

O Rev. Conceição encerrou a reunião com uma prece, pedindo a suprema orientação do Senhor para o Escotismo e a bênção de Deus para todos os seus dirigentes.

CAMPANHA PARA NOVOS ASSINANTES

Por falta de espaço, não nos podemos referir neste número ao desenvolvimento da nossa Campanha que está decorrendo com um êxito notável. Muitos dos nossos colaboradores nos têm remetido nomes de Assinantes, cujo agradecimento será feito no próximo número.

Esperamos também apresentar um resultado bastante animador para a nossa campanha.

Estamos a distribuir pelos nossos amigos postais próprios para inscrever novos assinantes, cuja devolução agradecemos e solicitamos com insistência.

A Campanha precisa da sua colaboração pessoal. Contamos com ela.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

DIA DE S. JORGE

Discurso do Chefe Moniz Silva

ao microfone do Rádio Clube de Angra do Heroísmo

Palavras dedicadas aos Homens de Boa Vontade, especialmente a todos os Escoteiros Portugueses e, nomeadamente, aos Escoteiros Açoreanos.

Os Escoteiros de todo o mundo comemoram hoje o seu dia, o dia de S. Jorge, o Santo Cavaleiro que, pelas suas excelsas virtudes, foi escolhido para Patrono Mundial do Movimento Escotista.

Em todas as unidades associativas, por esse mundo além, os Escoteiros reúnem-se nas suas Sedes ou noutros locais apropriados, para lembrar a data, e especialmente para ratificar o seu Compromisso de Honra—para reafirmarem a sua Promessa.

Muitas dessas reuniões caracterizam-se pela modéstia e simplicidade, outras, pelo grande cerimonial de que se revestem, como por exemplo o Serviço Escotista Nacional que realiza todos os anos na Capela de S. Jorge, no Palácio Real de Windsor, na Inglaterra, em que, antes do serviço religioso, aproximadamente mil Escoteiros, com grau equivalente ao nosso «Escoteiro da Pátria», desfilam em saudação perante os Soberanos.

Mas, quer se revistam de extrema simplicidade ou de grande aparato, estas festas tem uma característica comum: Distinguem-se pelo cunho sincero da simbólica espiritualidade de que se revestem. É o espírito escotista que se manifesta na sua pujante realidade.

É, pois, neste dia que renovamos o nosso Compromisso de Honra,—o acto mais solene na vida do Escoteiro,—e, em grande saudação perante a bandeira verde-rubra, símbolo sacrossanto da nossa querida Pátria, prometemos uma vez mais, pela nossa honra, fazer todo o possível por:

—Amar e servir fielmente a Deus e a nossa Pátria;

—Auxiliar o Próximo em todas as circunstâncias, e

—Obedecer à Lei do Escoteiro.

* * *

Embora o Escotismo seja um movimento considerado e acarinhado em todos os países que se possam na verdade classificar de civilizados, há muita gente que, por razões diversas, ainda formulam perguntas como esta:—«Afinal, que será o Escotismo, e qual a sua finalidade?»

Em atenção a essas pessoas que ainda não nos conhecem, aqui vai uma breve explicação.

Porém, começarei por me servir das próprias palavras do venerando Fundador do Movimento Escotista, Lorde Robert Baden-Powell of Gilwell:—

«O nosso fim é educar a geração futura para formar cidadãos úteis, e promover a boa-vontade e a paz no mundo por meio da amizade e da cooperação, em vez das rivalidades que prevalecem nas classes, nas religiões e entre as nações, produzindo tantas guerras e ressentimentos.

«A nossa profissão de fé é sem fim político e sem espírito de dominação universal. É puramente social, pois nós consideramos todos os homens como irmãos, filhos de um só Pai, entre os quais a felicidade não pode reinar sem espírito de boa-vontade, largueza de ideais, enfim, senão pelo amor mútuo.

«O Escotismo não é uma ciência abstracta, mas uma distracção alegre, se o estudarmos debaixo do verdadeiro ponto de vista, e ao mesmo tempo é educativo. O termo «Escotismo» significa um sistema educativo completo para formar caracteres e cidadãos perfeitos. Não pretende substituir a Escola, mas sim completá-la».

Pelo que fica dito, deduz-se claramente que o principal objectivo do Escotismo é educar! Baseia-se num juramento de fidelidade ao serviço de Deus e da fraternidade dos homens.

Nesta ordem de ideias, ouçamos o que a tal respeito dizia o sr. dr. António Joaquim de Sá Oliveira, recentemente falecido, prestigioso professor e modelo de educadores, antigo Reitor do Liceu Normal de Lisboa, e um dos pioneiros do Escotismo Português, que foi o primeiro presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal:

«E como educamos?

«Ensinamos os Escoteiros a amarem a sua família, a sua Escola e a sua Pátria.

«Educamos os Escoteiros no cumprimento de todo o dever, dentro das normas da civilização cristã a que pertencem.

«Habituamo-los a tomarem a responsabilidade dos seus actos; queremo-los verdadeiros, observadores da palavra dada, obedientes e respeitadores de si mesmos, corteses e leais, generosos e valentes, amigos dos animais e das plantas, alegres e bem dispostos, cheios de iniciativa, económicos e sóbrios, puros nas suas acções e nas palavras e no pensamento.

«E não pomos de lado nenhum dos factores eficientes da educação: O sentimento religioso, conforme o ditame da Família; o ambiente físico, o campo principalmente, conforme as nossas capacidades; todo o género de actividade nobilitante; o ambiente social, que acuradamente lhes proporcionamos, desviando-os —os rapazes— de tudo quanto possa prejudicar a sua formação moral».

O Escotismo é *Escola de gente forte*, —de *gente boa*,— de *gente portuguesa*. *Ser Português forte e bom*, é o objectivo duma educação nacional. *Bom* de Alma; *Forte* de alma e de corpo; *Português* de coração.

Abordando um pormenor muito debatido, são ainda do sr. dr. Sá Oliveira as seguintes afirmações:

«Cidadãos de Portugal! Sabemos bem que a hora que passa é de *fortes nacionalismos*, e não desconhecemos que o Escotismo, por ser mundial, poderá ser acoimado de internacionalismo.

«Queremos dizer aos internacionalistas que este internacionalismo em nada lhes aproveita. Queremos dizer aos nacionalistas, que este internacionalismo em nada os prejudica.

«Portugueses somos: Colocamos a nossa Pátria acima de todas as pátrias — sem ódios para os outros, com incendrado amor para a nossa. Isto entendemos que é o *verdadeiro nacionalismo*. Por isso o Escoteiro considera seus irmãos todos os Escoteiros do mundo, mas promete amar a sua Pátria que, a seu tempo, saberá defender contra todos os estranhos, ainda que sejam os seus irmãos escoteiros.

«É que o Escoteiro é Patriota.

Ouvi o 1.º artigo do juramento do Escoteiro: «Prometo, pela minha honra, amar e servir fielmente a Deus e a minha Pátria».

Sentimo-nos transportados aos tempos medievais em que eram armados cavaleiros aqueles que juravam, por sua honra, morrer pela sua lei e pela sua terra, amparar os desacorridos, acorrer às viúvas aos órfãos, aos pobres e desempregados. Que profunda emoção não haveria de ter sentido o Príncipe Perfeito quando Afonso V, tomado o Castelo de Arzila, o armou cavaleiro perante o cadáver do Conde de Marialva!

Refere-se Damião de Góis, na sua Crónica do Príncipe Perfeito:

—«Ora, visto que a vossa vontade é tal, disse El-Rei, prometeis vós guardar, cumprir e fazer guardar o que vos tenho dito com todos os outros bons costumes, foros, leis e direitos, que pertencem à Ordem da Cavalaria?

—Sim, disse o Príncipe.

Palavra breve que encerra um mundo de ideias, de sentimentos, decisões. Também é sempre com intensa emoção que o nosso jovem Escoteiro presta aquele solene compromisso: «Prometo pela minha honra, amar e servir fielmente a Deus e a minha Pátria».

Escoteiros:

Neste dia solene em que se devem encontrar reunidos cerca de seis milhões de Escoteiros por mais de cinquenta países do mundo, rapazes de diferentes raças, ideologias e crenças, cujos corações batem em unísono com os nossos, animados pela chama sagrada do mesmo Ideal sublime de Paz, Amor e Fraternidade, devemo-nos sentir orgulhosos da nossa qualidade de Escoteiros! Sim, porque nos podemos considerar propagadores da idealizada fraternidade entre os homens, essa boa semente que germinando e multiplicando-se infinitamente, dará como fruto, num futuro mais ou menos longo, a verdadeira fraternidade universal, numa palavra, a verdadeira paz por que sonham todas as almas bem formadas.

Nesta data, em que comemoramos o aniversário do nosso Patrono, evoquemos essa figura simbólica e pura do Cavaleiro S. Jorge, e façamos connosco mesmos a promessa formal de, em todas as circunstâncias da nossa vida, diligenciarmos pautar os nossos actos pelo exemplo de S. Jorge, combatendo sem tréguas todo o mal, e trabalhando, denodadamente e sem descanso, pelo progresso e pelo Bem da Humanidade!

NOTICIÁRIO DIVERSO

Grupo n.º 6-Olhão—Com o brilho habitual, este grupo comemorou o 29.º aniversário da sua fundação no dia 25 de Abril passado, tendo presidido à sessão solene o presidente da Câmara Municipal de Olhão, sr. Lourenço Baptista Lopes de Mendonça, antigo dirigente escotista. O sr. Luís Tovar de Lemos, escoteiro-chefe geral adjunto, esteve presente nas cerimónias.

Grupo n.º 60-Vila Real de Santo António - Este grupo tomou parte nas cerimónias do aniversário do Grupo 6 de Olhão e no 1.º Acampamento Regional de guias e subguias do Algarve, efectuado em Faro em 9 do corrente por iniciativa do Grupo 6.

Grupo n.º 93-Sintra—Integrado na campanha da D. C. T. esta unidade realizou uma sessão inaugural do curso de preparação no dia 4 do corrente, com a concorrência de muito público, autoridades e dirigentes escotistas.

Grupo n.º 33-Leiria—Este grupo comemorou o Dia de S. Jorge e o Dia 9 de Abril e tomou parte na sessão de propaganda da D. C. T. realizada naquela cidade.

Grupo de Guias «Rainha D. Leonor»-Lisboa— Esta unidade de Escotismo feminino comemorou o seu primeiro aniversário em três de Maio, fazendo Compromisso de Honra duas novas guias.

N. da R.

Por falta de espaço e por nos terem chegado atrasadas, não podemos dar maior relevo a este noticiário, do que pedimos desculpa aos nossos estimados correspondentes. Continuamos a pedir e a recomendar para que o noticiário nos seja remetido até ao fim de cada mês para publicação no número do mês seguinte.

Desporto, Cinema e Educação

I

Se cada século se caracterizou sempre por uma feição predominante, capaz de influir em todos os aspectos da sua vida, é inegável que, em Portugal, é o desporto que reina soberano, influindo tão profundamente nos espíritos, que não são já apenas os jovens quem se lhe entrega rendidamente, mas os próprios homens feitos, muitos já dobrado o cabo dos 50 anos, que manifestam o seu entusiasmo por forma insofismável e, tantas vezes, a lindar com o ridículo, de que os Portugueses tanto nos arreceamos.

Mas se é o desporto quem reina soberano, relegando para planos remotos tudo o mais — saber, estudo, arte, letras, ciências —, é o futebol o que, impressionantemente, está à frente de tudo o mais, arrastando multidões enlouquecidas que aplaudem ou vaiam os jogadores — os *atletas*, como sói dizer-se... —e, em dias de desafio, enchem de ruídos os estádios ou os campos de jogos, num frenesi ou num desespero que, na maior parte dos casos, revela características patológicas.

Não se estranhará, portanto, que, neste canto sossegado dum modesto jornal de rapazes, embora convicto de ser *vox clamantis in deserto*, eu tenha uma conversa despreocupada com os meus dois leitores acerca do que me parece, do que estou absolutamente certo, ultrapassou já os limites do razoável.

Não pode negar-se, nem seria razoável fazê-lo, a importância do desporto no nosso tempo. Supor, porém, que só no século XX ele mereceu as atenções dos povos, é ilusão de quem não vê para além dos estreitos limites da sala de café onde costuma ouvir os oráculos pontificar, falando levianamente *de omne re scibile*. Desde os tempos mais remotos que o homem sentiu necessidade, aliás fisiológica, de se entregar ao exercício, seguindo a lição dos animais, para tornar resistente o seu corpo à dura luta pela vida e, tanto quanto possível, imune à doença que o espera a cada canto traiçoeiramente.

Desde os primitivos que viveram na selva, na montanha ou na caverna, até aos povos mais civilizados, todos praticaram uma ou mais modalidades de desporto, chegando progressivamente até aos desafios e campeonatos para o apuramento dos mais capazes. E todo o homem medianamente culto ouviu já falar dos famosos jogos Olímpicos, Ístmicos e Nemeus, que periòdicamente se realizavam em várias cidades gregas, a que concorriam os mais notáveis atletas para a disputa de várias provas, sendo a vitória coroada de prémios, como hoje é uso fazer-se. Os modernos Jogos Olímpicos, iniciados nos fins do século passado, são uma tentativa de restauração dos seus homónimos de Olímpia, a cidade enobrecida pela célebre estátua de Zeus, criselefantina, devida ao cinzel maravilhoso e ao génio admirável de Fídias. São uma *tentativa*, disse eu, porque se foi fácil, se era fácil realizar essas competições desportivas à imitação do que se fazia na Grécia dos tempos áureos, não foi possível ressuscitar o seu espírito, e este é que tinha importância.

Tiveram também os Romanos os seus jogos, sobretudo a partir da época em que a conquista da Grécia despertou na Itália um entusiasmo enorme pelo Helenismo, julgando-se cada romano um bárbaro ao comparar-se ao mais ínfimo escravo da Ática ou das ilhas luminosas que o Egeu banha. O desejo de imitação levou então o Romano à prática do desporto pelo desporto, tal como os Gregos faziam desde os tempos remotos anteriores às Guerras Médicas; mas também em Roma foi impossível reavivar esse espírito de equilíbrio que caracterizara o desporto helénico até à época da decadência, impedindo-o de se transformar em mera competição para se alcançar qualquer troféu.

Porque o Grego não via na prática dos jogos atléticos outra coisa que não fosse harmonia de atitudes corporais, com vista ao desenvolvimento harmónico de todos os órgãos e, assim, ao alcance dessa meta que produziria o «animal perfeito», tão perfeito que muitas estátuas femininas que hoje se dispersam pelos museus da Europa, tiveram por modelos efebos cuja plástica harmoniosa deles fazia o corpo ideal dentro do cânon artístico desse povo admirável. O poeta romano soube compreender esse ideal que consubstanciou no belo verso *mens sans in corpore sano*. Foi essa harmonia que o Grego buscou e realizou, até à decadência, sendo então que a estatuária helenística enveredou pelo contorcionado da forma, abandonando aquela serenidade olímpica, que caracterizou as estátuas admiráveis de Fídias e Praxíteles.

A queda do Império Romano deu lugar à parcelação da Europa, onde surgiram inúmeros Estados, mais ou menos independentes, mais ou menos dilatados, mas cujos conquistadores, mais dados à rapina e à

(Continua na 6.ª página)

PELOS GRUPOS

Comemorações do Dia do Escoteiro

Grupo n.º 52 — Angra do Heroísmo

O Dia do Escoteiro foi comemorado festivamente por este grupo açoreano.

Começou com uma palestra alusiva a S. Jorge e à finalidade do Movimento Escotista feita pelo chefe do Grupo, sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, no emissor CSB 80 do Rádio Clube de Angra, que os rapazes escutaram na respectiva Sede. Finda a palestra, o Chefe dirigiu-se à Sede, onde se encontrava a maioria dos Escoteiros e aspirantes do Grupo, e bem assim o Caminheiro Amorim, do Grupo 52 do Corpo Nacional de Escutas de Ponta Delgada (Açores), que, devidamente uniformizado, resolveu, visitar de surpresa os seus irmãos do Grupo 52 da A. E. P., e acompanhá-los na comemoração do dia de S. Jorge. Outro caminheiro do Grupo de Ponta Delgada, o furriel Dinis Ferreira, na impossibilidade de comparecer, enviou uma mensagem de saudação. Falaram, além do chefe do grupo, o Escoteiro Leopoldino Tavares, após o que se procedeu à cerimónia da renovação do Compromisso de Honra, por parte dos Escoteiros presentes.

Há a salientar, como nota interessante, o facto do Chefe Moniz Silva, ao acabar de proferir a sua palestra e ainda na Sede do Rádio Clube de Angra, ter recebido um telefonema de felicitações dum antigo dirigente do 52, o sr. Luís Borges Pimentel, que lhe transmitiu a sua entusiástica concordância com a doutrina exposta e lhe dirigiu palavras de incitamento.

Grupo n.º 79 — Lisboa

Este grupo também comemorou o dia de S. Jorge com uma reunião especial durante a qual prestou Compromisso de Honra o novo escoteiro Rui Macedo da Silva. A patrulha D. Afonso Henriques fez entrega de uma fita comemorativa do 34.º aniversário do grupo e o guia de patrulha Rogério de Lima Lemos recebeu a medalha de cobre de assiduidade.

Grupo n.º 85-Lisboa

Este grupo marítimo festejou o dia de S. Jorge com uma cerimónia que se efectuou no dia 25 e em que fizeram a promessa alguns escoteiros e lobitos.

A festa, que teve um cunho muito simples, começou com a promessa de lobito, seguida do Compromisso de Honra dos aspirantes Ismael de Jesus Delgado e Manuel Gomes da Silveira, que ingressaram nas patrulhas «Coral» e «Tigres do Mar», respectivamente.

O chefe do grupo terminou agradecendo a presença da assistência e fez sentir aos lobitos e escoteiros a importância da promessa feita.

De manhã, o Grupo assistiu à missa na Igreja dos Jerónimos.

Grupo 94-(Ajuda) Lisboa

Esta unidade comemorou o Dia do Escoteiro com um chá de confraternização, ao qual assistiu o chefe do Grupo 60, de Vila Real de Santo António, sr. José Manuel Pereira, que se encontrava de passagem em Lisboa, e sr. João Reganha Pereira, subchefe do Grupo n.º 85.

Nesse mesmo dia foi empossado no cargo de instrutor do Grupo para a Divisão Júnior (Tribo) o Caminheiro sr. Idílio

(Conclui na página 7)

NOVA IMAGEM DO MUNDO

Não vivemos «sobre» mas «dentro» do globo terrestre —diz um sábio alemão. — Nova teoria sobre o Cosmos. —Refutação do sistema do mundo de Copérnico.

POR FERDINAND LEIS

Se se perguntar a cem pessoas cultas se o sistema do mundo, segundo Copérnico, está ou não provado, com certeza 99 % responderão afirmativamente. O único a negá-lo será por certo um conhecedor do assunto.

Se se perguntar como se prova que vivemos «sobre» o globo terrestre, os mesmos noventa e nove interpelados responderão mostrando as pontas dos mastros dos navios que nos aparecem no horizonte. O cientista, o conhecedor, calar-se-á novamente, pois sabe com precisão não constituir isso uma prova.

Façam-se, seja a quem for, estas perguntas, e as respostas serão sempre as mesmas. Como os sábios nunca afirmam o que não podem provar—o caso da sua imagem do mundo—por isso, em geral, no público existe a crença da veracidade da imagem do mundo segundo Copérnico.

Argumentar-se-á agora para este sistema, a infalibilidade dos cálculos dos eclipses do Sol e da Lua, da corrida dos planetas, etc. Mas na realidade tais cálculos são também possíveis sem o sistema de Copérnico. Já os antigos, há milhares de anos, possuíam métodos de cálculo que superavam em tudo os cálculos prévios sobre os corpos celestes.

Os cálculos «exactos» sobre a localização dos astros, não estão na verdade completamente justificados. Por exemplo, o já falecido astrónomo, M. E. Valier, afirmou: «As diferenças entre o tempo de rotação efectivo da Terra em volta do Sol e a duração média do ano não são pequenas, mas sim de algumas horas e minutos». Por outras palavras, isto mostra que o Sol, em determinados anos, vem ao mesmo ponto mais cedo ou mais tarde que os cálculos prévios fixaram.

O sistema de Copérnico ainda é actualmente ensinado como comprovado. Todavia, um engenheiro suíço afirmou que nas escolas superiores do seu país não se ensina estar provado o sistema de Copérnico mas que «precisa de se provar».

Quando não existia outra imagem do mundo que pudesse esclarecer unificadamente todos os fenómenos astronómicos, este ponto de vista parecia ser o mais próprio. Porém, agora, torna-se insustentável, pois a nova imagem do mundo satisfaz por completo a superior exigência e pode apresentar provas irrefutáveis.

Com certeza absoluta está até agora provada a forma de globo da Terra pois pode-se circunnavegá-la. Mas, pelo contrário, ainda não está provado que a superfície da Terra seja convexa e que vivamos «sobre» a superfície exterior do globo terrestre porque também na superfície côncava da Terra se poderá viver e fazer viagens de circunnavegação. Tanto se poderá circunnavegar sobre as superfícies exterior ou interior regressando sempre ao ponto de partida.

Poder-se-á provar a afirmação do sistema Copérnico que «vivemos» na superfície externa do globo terrestre?

Sim, indubitàvelmente! Tomemos um globo qualquer e encostemos-lhe uma régua. É incontestável que as margens extremas dessa régua se afastam da superfície. Mas se encostarmos a mesma régua à superfície côncava dum globo aberto, então só as superfícies serão tocadas pelos extremos da régua.

Portanto, dentro deste critério absolutamente lógico, segundo o sistema de Copérnico, uma linha recta, cada vez mais se distanciará nas margens extremas da superfície convexa da Terra.

Porque nunca puseram em prática tal experiência os que seguem a opinião de Copérnico? Seria uma prova irrefutável.

O Professor Morrow, na América, construiu uma linha incontestàvelmente recta a qual tocava a superfície das águas num comprimento adequado à curvatura côncava da Terra. Apresentou isso uma irrefutável prova de ser a superfície da Terra côncava, donde resulta que vivemos não «sobre» mas «dentro» da Terra.

Estas medições fizeram-se em diversos lugares e em todas as direcções e o resultado foi sempre o mesmo: é côncava e não convexa a superfície da Terra.

Além das medições atrás descritas, existem ainda outras possibilidades de verificar este facto e se vivemos sobre ou dentro do globo terrestre. Se a terra é convexa, dois pêndulos devem em baixo estar mais próximos um do outro do que em cima. Porém, pelo contrário, se a Terra é côncava, a distância entre esses pêndulos deve ser maior em baixo do que em cima. Também esta experiência se fez já na América.

Nas minas Tamarack, em Cabumet (E. U. A.), lançaram dois pêndulos à profundidade de 1200 metros donde resultou, com a crescente profundidade, afastarem-se nos extremos em vez de se aproximarem, o que fatalmente aconteceria se vivessemos sobre um globo convexo. As medições nesta mina fizeram-se primeiro não como experiência mas para fins práticos. Os engenheiros que a ela procederam ficaram tão surpreendidos que conceberam primeiramente a existência de erro. Chamaram então o Professor Mc Nair, do Colégio de Minas de Michigan, e as suas medições obtiveram os mesmos resultados bem como as repetidas experiências feitas. Todas estas medições são particularmente importantes por terem sido feitas por pessoas sob a influência da teoria de Copérnico e não por afectos à nova teoria da concavidade do globo terrestre.

Mc Nair não queria aceitar o resultado obtido mas sim o contrário. Fez por isso todos os esforços possíveis e imagináveis para obter outros resultados, mas em vão, pois todas as medições mostravam sempre e repetidamente que vivemos não «sobre» mas «dentro» do globo terrestre.

Os pormenores acima sobre argumentação para a nova imagem do mundo, foram extraídas da brochura alemã «Dans neue Weltbild» (A nova imagem da Terra), escrita por Johannes Lang, em Berlim-Buch, autor da teoria sobre a concavidade da Terra.

A brochura contém também muitas outras provas e esclarece todos os fenómenos da Natureza (dia, noite, estações, movimentos dos planetas, eclipses, etc.). O Sr. Lang escreveu também sobre este tema um volumoso livro com pormenorizada argumentação (*). Segundo este livro e suas provas, o sistema de Copérnico é absolutamente refutável.

(*) «Die Hohlwelttheorie». 228 págs. 50 gravuras. N. do T.

Traduzido da revista Esperantista "La Praktiko"

O «SEMPRE PRONTO» E A REVISTA «ALERTA!»
VENDEM-SE NA
TABACARIA BOA-HORA
Rua Nova do Almada, 46 — LISBOA

Desporto, Cinema e Educação

(Continuação da 4.ª página)

conquista violenta, se esqueceram durante séculos de tudo o que não fosse a arte da guerra, aliás desporto por excelência e síntese de todos os desportos, por requerer a prática de todas as aptidões do homem para o fim último a que visa: destruir o próprio homem.

Só lentamente, e após os esforços, nem sempre coroados de êxito, da Igreja cristã para debelar ou, ao menos, atenuar o instinto combativo desses bárbaros, é que entre as classes consideradas elevadas se foi procurando um derivativo para a satisfação dos instintos belicosos, nascendo assim a caça desportiva, praticada, aliás, com tanta brutalidade como a própria guerra. E durante séculos foi, de facto, a caça a grande escola em que se adestraram os guerreiros, quer soldados, quer capitães, que punham na perseguição do porco montês, do urso ou do veado, a mesma impetuosidade cruel com que perseguiam e esmagavam o seu próprio semelhante.

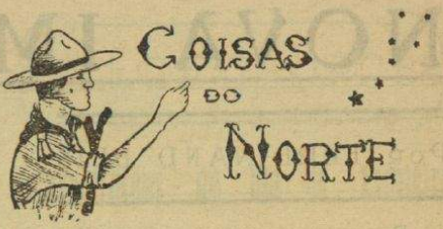
Em alguns países, nomeadamente na Inglaterra, na Espanha e em Portugal, apareceram durante essa longa Idade Média, modalidades desportivas de carácter local, como o ténis no primeiro daqueles países, e as touradas na Península Ibérica. E lentamente outros desportos foram nascendo, muitas vezes modalidades diferentes dum mesmo desporto, até que o século XIX viu nascer o que, em nossos dias, monopolizou as preferências e os entusiasmos. Na primeira metade do século passado apareceu o *Rugby* (do nome da cidade onde primeiro se praticou esse brutalíssimo jogo), e na segunda o *Association* (do nome da *Football Association*, que em 1863 lhe traçou as regras), a modalidade geralmente praticada no Continente. Antes do futebol, já no século XVIII surgira o *box* na Inglaterra (pátria da «nobre arte»), onde se apresentou então pela primeira vez um campeão. Depois vieram diversas espécies de lutas (desde a greco-romana, modalidade do antigo *pugil* da Grécia e de Roma, à luta livre e, depois, o *jiu-jitsu*, divulgado principalmente depois de a guerra russo-japonesa ter posto o Japão em moda nos primeiros anos deste século), a esgrima, o remo, a natação, o pedestrianismo, a equitação, o alpinismo, a vela, e, com os progressos das invenções, o ciclismo, o automobilismo, a aerostação e, finalmente, a aviação. Modernamente surgiram modalidades diversas de desportos da bola, como o *base-ball* (desporto nacional dos Estados Unidos), o *hand-ball*, o *volley-ball*, o *basket-ball* (quase todos de procedência americana), como o hóquei (quer em campo quer em patins ou a cavalo) e o ténis de mesa, de que já se realizam hoje numerosos campeonatos.

Isto demonstra, creio eu, que o homem procurou, embora a custo, um ou mais meios de se distrair do trabalho quotidiano, tentando, na maior parte dos casos, corrigir o que a profissão não pudesse fazer, contribuindo para pôr em movimento órgãos ou músculos normalmente atrofiados pelo trabalho de todos os dias, obrigando a trabalhar os que em geral pouco ou nenhum exercício fazem, ao mesmo tempo que distrair o espírito, refrescando-o e desanuviando-o, numa espécie de lavagem periódica que o limpa das impurezas acumuladas no exercício do mister quotidiano.

Mas tudo tem uma justa medida. Apesar disto, porém, o homem — o único animal que abusa dos seus recursos e meios — breve encontrou no desporto algo mais do que simples distração. Essencialmente combativo, foi na prática dos desportos que procurou competir com o seu semelhante, não já com intuitos meramente desportivos, em que o *fair play* deve ser a regra, como depois veremos, mas antes a vitória a todo o custo, esmagando se preciso for o seu antagonista, recusando-se a admitir a sua derrota pessoal, em que vê sempre uma diminuição da sua personalidade. E nenhum jogo como o futebol se presta mais à alimentação deste espírito combativo e deformado, o futebol que é quem, em Portugal, domina soberano, e desterrou tudo o mais ou relegou para plano remoto, único desporto que consegue arrastar as multidões e não apenas aos seus campos de jogos ou ao estádio mais próximo, mas as faz deambular pelo país atrás dos ídolos da bola, segundo as necessidades do calendário desportivo do ano.

Negar, portanto, a realidade do fenómeno é como negar a realidade da luz solar. Mas precisamente por estarmos em presença duma realidade que ninguém pode negar, é que não me parece desacertado discuti-la. Será essa realidade um bem? Será ela um mal? Haverá razões para defender o desporto, particularmente o futebol? Deverá o desporto ser escola de má-criação, de grossaria, de rudeza, como tem demons-

(Conclui na 7.ª página)



DIA DE S. JORGE

O dia 23 de Abril foi solenemente comemorado pelos escoteiros do Norte.

Ás comemorações realizadas no Grupo n.º 15, associaram-se os grupos 4, 15, 44 e 91 dirigidos pelos seus respectivos Chefes, tendo-se estes grupos apresentado com as suas bandeiras.

Sobre o significado desta data, falou o Escoteiro-Chefe do Grupo 91, sr. Arnaldo Couto, que se referiu largamente ao Patrono dos Escoteiros e incitou toda a família escotista a seguir o nobre exemplo desse lendário Cavaleiro.

Grupo n.º 15 e o seu aniversário

Tendo passado no dia 12 de Abril mais um aniversário — 21.º da sua reorganização — foi esta data comemorada com todo o brilho no dia 23, dia do Patrono Mundial dos Escoteiros. Esta sessão foi presidida pelo Escoteiro-Chefe Regional e Delegado dos Serviços Centrais no Norte, sr. Comandante Coutinho Lanhoso, que fez também a sua visita oficial ao Grupo, depois de ter sido investido nestas altas funções. Recebido pelo Chefe do grupo 15, que saudou e agradeceu a visita, foi saudado pelos Escoteiros da Região formados na parada.

Iniciada a sessão solene, perante uma assistência que enchia por completo o vasto salão, engalanado a preceito e onde sobressaíam as fotografias de Lorde Baden-Powell e do chefe do Grupo, Rev. Vidal dos Santos.

Na mesa da presidência viam-se, além do sr. Presidente, o Rev. Agostinho Arbiol pastor da Igreja e presidente da Comissão de Patrocínio do Grupo; os ex-chefes do Grupo n.º 2, srs. Eduardo Guião Quintino Pinheiro e Luís Paten de Sá Viana; os chefes dos Grupos n.ºs 4, Sr. Artur Lopes, do 44, sr. António Pinto Moreira e do 91, sr. Arnaldo Couto. Aberta a sessão, logo se fez ouvir o hino do grupo n.º 15, ao qual a assistência se associou, pondo-se de pé.

Foi condecorada a Bandeira do Grupo com a medalha comemorativa do 40.º aniversário da A. E. P., cerimónia a que procedeu o Rev. Agostinho Arbiol.

A mesma medalha foi conferida à vários Escoteiros, cerimónia realizada por senhoras presentes, com excepção da medalha conferida ao Chefe do grupo, que o Delegado dos Serviços Centrais quis entregar pessoalmente. De igual modo se procedeu à distribuição de estrelas de serviço. A primeira foi colocada na Bandeira do Grupo pela madrinha do mesmo, sra. D. Idalina Mendes dos Santos.

O Chefe do Grupo n.º 91, sr. Arnaldo Couto falou acerca de S. Jorge, Patrono dos Escoteiros, no que foi muito apreciado. Foi feita a ratificação do «Compromisso de Honra», primeiramente pelos dirigentes e depois por todos os escoteiros.

Para finalizar, foi exibido no palco uma alegoria de grande efeito, denominada «O Ideal Escotista», cheia de ensinamentos e onde a Boa Acção é posta em relevo. Os cenários davam a sensação nítida dum acampamento, vendo-se os escoteiros ao redor do fogo e o Campo iluminado com os clássicos candeeiros de petróleo. Tudo era de efeito surpreendente e a assistência «sentiu», por momentos, o efeito «real» dum acampamento, onde o

(Conclui na 7.ª página)

Desporto, Cinema e Educação

(Conclusão da 6.ª página)

trado ser? Será aceitável que se criem irredutibilidades à volta do desporto em geral, e do futebol em particular?

É a estas perguntas e a outras implícitas que nos artigos seguintes procurarei responder.

O Velho Lobo Negro do Norte
E. C. D.

Coisas do Norte

(Conclusão da 6.ª página)

espírito escotista era bem patente e onde não faltaram as graças e as canções.

Depois da representação desta peça, falaram o Rev. Agostinho Arbiol, que felicitou o Grupo pelo seu aniversário, e enaltecendo a actividade de todos os seus elementos, falou do seu contentamento pelo que pôde apreciar, exortando os escoteiros a continuar na sua acção de bem servir; e o ex-chefe do grupo n.º 2, Sr. Eduardo Quintino Pinheiro, que, a par das suas saudações, pede, entusiasma e executa alguns gritos escotistas, gritos estes que a assistência apreciou.

A festa foi encerrada com «A Portuguesa» cantada vibrantemente por todos, tendo o sr. Comandante Coutinho Lanhoso afirmado a sua boa impressão e manifestado o seu contentamento pela lição dada no campo e ao redor do fogo.

Exortou os escoteiros a que não «representassem» sòmente a vida sã e exemplar mas que «vivessem» essa vida de exemplo para o engrandecimento da Pátria. As suas últimas palavras foram de vivas a Portugal, correspondidos calorosamente, não tendo os escoteiros resistido à tentação de elevar as suas vozes para cantar:

«Para mim és um bom Companheiro», que o sr. Comandante Lanhoso recebeu com enternecedor carinho.

Desta forma, foi bem assinalada a passagem do 21.º Aniversário da reorganização do Grupo n.º 15, unidade que, no Norte, goza de especial estima entre todos os outros grupos escotistas e que na sua acção em prol do movimento honra a Associação a que pertence—a Associação dos Escoteiros de Portugal.—*C.*

N. da R.—A notícia sobre as obras do Grupo 15 publicada no último número dizia, por lapso, que já tinham sido inauguradas na festa do aniversário, festa que só agora se realizou.

Também no número de Março foi dito que a festa do grupo 91 se tinha realizado em «15 do corrente», quando a festa foi em 15 de Fevereiro.

Nesta festa não foram distribuídas insígnias de aptidão e de classe.

Pedimos desculpa dos lapsos involuntários.

• • o • •

Pelos Grupos

(Conclusão da 4.ª página)

Custódio Gonçalves, antigo membro daquele grupo algarvio, que fixou residência em Lisboa.

O chefe do grupo 94, sr. Capitolino Ferreira Macedo, dirigiu palavras aos esceteiros a propósito da comemoração.

Corpo Nacional de Escutas

A associação católica comemorou o dia de S. Jorge, realizando no Domingo dia 25, uma concentração de lobitos, escutas e caminheiros na Mata do Alfeite, para onde embarcaram na Doca da Marinha.

Ali efectuaram uma missa campal e ouviram a palavra dos seus chefes acerca do significado do dia e ratificaram a Promessa.

ORIENTAÇÃO

(Conclusão da 1.ª página)

Humanidade. De olhar atento, observará todos os indícios em sua volta, sempre interessado nos problemas humanos e, se é cristão, terá no Evangelho a bússola fiel que sempre aponta o Norte verdadeiro, o caminho recto.

Mesmo no meio da perturbação geral, o Escoteiro não procurará caminhar acotovelando e pisando os mais fracos. Antes lançará o seu braço à direita e à esquerda, auxiliando outros na custosa jornada. Analisará o Caminho, investigará as necessidades dos companheiros, avançará com a certeza de que é elemento útil na comunidade, apontando aos perdidos o trilho certo. E se na escuridão da noite não conseguir divisar na Terra orientação segura, lançará os olhos ao Céu em busca da Estrela Polar que lhe apontará infalìvelmente o Norte, o caminho a seguir, aquele que dá a Vitória, a Paz de consciência e a Felicidade pessoal.

• • o • •

Dos Amigos do "Sempre Pronto"

De luto — Faleceu recentemente a Esposa dedicada do nosso estimado amigo e assinante sr. Luciano Silva, um dos primeiros escoteiros de Portugal, a quem apresentamos as nossas sentidas condolências.

Visitas – Deu-nos o prazer de sua visita o nosso estimado Agente-Correspondente em Vila Real de Santo António, sr. José Manuel Pereira, chefe do grupo 60, durante uma visita à Capital em 23 de Abril p. p.

Folhetim do "SEMPRE PRONTO„ N.º 4

UMA AVENTURA NA RÚSSIA

POR MARIA E. ROPES • Trad. de *J. S. CANUTO*

Quase no mesmo instante, porém, sentiu-se violentamente empurrado, bateu em cheio com a cabeça na borda da grande secretária, e ficou imóvel. É que, Alfredo e Eduardo, que de gatas se tinham aproximado de Griboff, se lhe agarraram às pernas, no momento em que ele se apoderava da chave, e as puxaram para trás com toda a força de que dispunham. E quando o pesado corpo do homem ficou estatelado no chão, e a chave lhe saltou das mãos, Alfredo apanhou-a e passou-a a Eduardo.

—Vai depressa escondê-la—disse ele em voz baixa—enquanto eu aqui fico a defender o papá.

O director esforçava-se debalde por se libertar. Os dois bandidos, sem se importarem com a queda do camarada, passaram a ligar-lhe as pernas e os braços.

Alfredo, que se conservava à entrada da porta, sem ser visto pelos malvados, não se atrevia a proferir uma palavra, mas o pai viu-o, e olhou para ele de uma maneira significativa, dando-lhe a entender que devia partir em busca de socorro.

O pobre rapaz esteve durante um bom minuto no escuro corredor, sem saber o que havia de fazer.

Dois operários que trabalhavam na fábrica, Óscar Kleinwell, alemão, e Samuel Levi, engenheiro judeu, eram homens de confiança, e muito leais para com o chefe da casa, mas haviam-se ausentado assim que cessara a laboração.

Os pensamentos de Alfredo voltaram-se então para a mãe, que se havia deitado com uma forte enxaqueca. O quarto dela ficava no outro extremo do edifício, e provàvelmente ela não tinha dado por coisa nenhuma; o melhor seria conservá-la ignorante do sucedido.

Não havia ali alguém com quem ele pudesse aconselhar-se. Tinha, portanto, de tomar, ele próprio, uma deliberação.

«Só na povoação é que poderei encontrar socorro» — disse ele consigo mesmo;—e de aqui até lá são quinze milhas.

Alfredo deitou a correr pela escada acima.

—Depressa, Niánia, dá-me o fato de sair—exclamou ele.—Não há aqui senão eu quem possa ir em busca de socorro, e não devo perder um minuto.

A aia não procurou impedi-lo de sair. Ela via que a situação era deveras crítica. O criado e o cocheiro haviam tomado o partido dos agitadores, e, ainda que estivessem presentes, não teriam socorrido o patrão. Tudo, pois, estava dependente daquele rapaz, que pouco mais era do que uma criança.

—A chave, Eduardo?—disse Alfredo.—Que fizeste dela?

—Está aqui—disse a aia;—tenho-a ao pescoço, pendurada num cordel. Ninguém dará com ela aqui, está descansado. Tratemos agora do papá. Vou fechar o Eduardozinho no quarto, para que ele esteja mais livre de qualquer perigo, e em seguida vou lá abaixo ver se posso prestar algum serviço ao sr. Tomás. Mas estou certa de que os marotos não ousarão maltratá-lo. É dinheiro que eles querem. Mas como vais tu agora pôr em prática a tua ideia, meu lindo? Se te metes num trenó, ficam todos ao facto da tua partida.

—Tens razão—respondeu Alfredo;—parece-me que o melhor é ir à cavalariça aparelhar o garrano, e montar nele, depois de me certificar de que não está ninguém nas proximidades. Como sabes, tenho uma chave da cavalariça. E agora, Niánia, dá-me o meu casaco e o meu boné de peles, e as botas altas de couro. Pronto! Já estou vestido.

E, beijando o irmão e a velha serva, Alfredo desceu sem o menor ruído pela escada que ficava nas traseiras do edifício, não encontrando pessoa nenhuma no caminho.

As criadas estavam a dormir nos seus quartos, que ficavam distantes, e àquela hora da noite não era fácil deparar-se-lhe alguma pessoa das que se ocupavam no serviço doméstico da casa.

Alfredo não ousou aparecer, nem durante um momento, em frente do edifício, com medo de ser descoberto. Deslisou cautelosamente ao longo da parte posterior do mesmo, e de aí a pouco estava dentro da cavalariça, onde tratou logo de se fechar e acender uma lanterna.

Sharik, o garrano, era pequeno, mas nédio e vigoroso, e os rapazes tinham-no em grande estimação, e no momento em que Alfredo lhe punha o selim e o freio, esfregou amorosamente a deselegante cabeça pelo ombro dele.

(Continua)

Quero conversar contigo, Escoteiro:

VAMOS PARA O CAMPO

Estamos em plena Primavera, época admirável para a vida de campo, e eu venho convidar-te para uns acampamentos. São tão agradáveis as serenas tardes de campo, quando o sol desaparece lá longe atrás das montanhas e deixa o bosque submerso numa penumbra de sonho! E as alvoradas? Como é belo acordar ao som da alegre chilreada dos passarinhos e ver nascer o sol enquanto os braços se estendem em movimentos ordenados de ginástica.

Vamos para o campo!

Mas, assim como o marinheiro se avia em terra antes de ir para o mar, também tu prepararás o teu equipamento antes de marchares para a montanha ou para a campina. Claro que a primeira coisa a preparar é a tenda. Esta precisa apenas de uma simples revisão, pois estou certo que se encontra reparada e pronta para servir.

PANO ISOLADOR DO SOLO

Prepara o pano isolador para o chão. É objecto indispensável. Pode ser substituído por uma boa camada de caruma ou palha, mas como nem sempre podemos encontrar estes artigos, o pano isolador torna-se absolutamente necessário. Fixa este princípio fundamental em campismo: É mais importante e mais necessária a defesa da humidade do solo, do que da humidade atmosférica. Desta já estamos bastante defendidos pela tenda. Precisamos de ter cuidado com a humidade do solo. É para esse efeito que nos prevenimos com o pano de chão.

Podes adquirir um pano forte ou um pano de tenda do exército e impermeabilizá-lo. Não sabes como impermeabilizar? — É simples.

Preparas em separado as seguintes soluções:

1 — 250 gramas de alúmen;
5 litros de água.

2 — 250 gramas de acetato de chumbo em cristais, (não confundir com subacetato de chumbo ou acetato líquido);
5 litros de água.

Juntas as duas soluções que darão um precipitado. Depois decantas para uma vasilha capaz de receber todo o líquido.

Metes o tecido a impermeabilizar na vasilha onde se deitou o líquido e deixas permanecer o tecido de molho pelo espaço de 24 horas. Será no entanto bom mexer de vez em quando. Toma, contudo, nota de que esta porção dá para impermeabilizar uma tenda. Se se tratar apenas de um pano de chão, poderás reduzir as porções, mantendo porém a proporção dos elementos componentes.

ESTACAS PARA A TENDA

Quero fazer-te uma prevenção. Não uses mais como estacas para suster a tenda aquelas enormes cavilhas de ferro que tens lá na Patrulha. Deves ter a preocupação de diminuir o peso do teu equipamento, anulando tudo quanto for dispensável. Aquelas cavilhas pesam brutalmente. Deves substituí-las por estacas próprias que podes adquirir nas casas da especialidade. É uma pequena despesa que te dará uma apreciável economia de peso.

Encontrarás estacas de alumínio ou aço delgado, estacas helicoidais em barra de alumínio torcido e outras que aplicarás conforme a necessidade de resistência. E já que estamos a falar em peso deixa-me sugerir-te também a substituição daqueles pesadões esticadores de madeira por outros de alumínio. Servem perfeitamente e pesam muito menos.

SACO-MOCHILA

O saco-mochila é um artigo de equipamento indispensável na vida de campo. Se não puderes adquirir um, poderás confeccioná-lo tu próprio... mas sempre te aconselho que peças a ajuda de tua mãe. Ela ficará radiante por te prestar esse serviço e ajudar-te a preparar o equipamento. Compras o tecido, um bocado de lona fina ou, pelo menos, caqui forte. Pedes um saco emprestado e tiras os moldes. Podes adquirir uma armação de alumínio ou verga, que permitirá uma melhor distribuição do peso e ajudará a dar rigidez ao saco.

Deves impermeabilizar também o pano. Evitará que a humidade atinja o equipamento.

Chamo a tua atenção para os suspensórios ou tirantes. Convém que tenham pelo menos 6 cms. de largura e sejam feitos de couro ou lona forte de forma que não enruguem, o que faria magoar os ombros. Podes mesmo acolchoar os suspensórios na altura dos ombros com tiras de feltro.

Outra recomendação é que a boca do saco seja suficientemente larga. É conveniente que apliques algumas passadeiras na parte traseira da tampa, assim como no fundo exterior. Também algumas anilhas e dois mosquetões serão úteis para, em caso de necessidade, segurarem a manta ou outro equipamento.

Arruma cuidadosamente o teu equipamento no saco. Olha que isto faz parte da arte do Escoteiro. Toma nota: Deves possuir um saquinho de pano para a roupa lavada; outro saquinho igual para a roupa suja; outro saquinho também de pano para os artigos de higiene; outro saquinho semelhante para a loiça e víveres.

Aconselho-te a que faças umas economias e adquiras uns depósitos pequenos de alumínio para o sal, para o café, para o açúcar, para os ovos, etc.

Colocas os objectos mais pesados junto às costas, aqueles que menos utilizas no fundo do saco, tudo distribuído de forma tal que o saco não fique numa bola. A manta, se couber, ficará a cobrir o equipamento, mas poderás enrolá-la num pano isolador e prendê-la em volta do saco. Livros e papéis no bolso exterior.

Procurarás não deixar ficar uma só coisa necessária, mas diligenciarás não levar contigo um só objecto que possas dispensar.

Deves ser capaz de encontrar às escuras qualquer objecto dentro do teu saco.

Prepara estas coisas, pensa nestes conselhos, e em breve partiremos para o nosso acampamento. Depois te ensinarei outras coisas que um velho lobo aprendeu em muitas noites de campo. Até breve.

TEU COMPANHEIRO AMIGO
VELHO CASTOR

LIVROS ESCOTISTAS

Edições brasileiras

Livro de Jogos, de Boto Velho....	15$00
O que é o Escotismo, 2.ª edição..	4$00
Para ser Escoteiro, pelo Dr. Floriano de Mejo, manual escotista muito ilustrado, com as provas de 3.ª, 2.ª e 1.ª classes.....	15$00
Curso de Monitores (Guias de Patrulha).....	12$00
Guia do Escoteiro-Chefe, de B.-P.	10$00